

A construção do Pensamento Comunicacional Brasileiro como uma Emergência Epistemológica¹

Élmano Ricarte de Azevêdo Souza²

MARQUES DE MELO, José; Fernandes, Guilherme Moreira (org.). **Pensamento Comunicacional Brasileiro: O legado das Ciências Humanas - História e sociedade** (vol. 1).1. ed., São Paulo: Paulus, 2014, 672 páginas.

Ao se falar em Pesquisa em Comunicação, parece que estamos localizados na marginalidade do que é reconhecido como Ciência no âmbito acadêmico a nível internacional. Basta observar as políticas públicas de incentivo aos estudos científicos. Maioritariamente, os investimentos são encaminhados para áreas de tecnológicas ou biológicas. E há ainda outra perspectiva a ser levada em conta sobre esse assunto: quais as principais referências mais reconhecidas e utilizadas pelos estudantes de vários níveis acadêmicos em seus trabalhos? Nesse aspecto, são quase sempre de origem inglesa ou francesa. Sendo assim, poucos foram os pensadores lusófonos (raras as exceções) com seu prestígio reconhecido. É suficiente lembrar que há um único Prêmio Nobel de Literatura (José Saramago em 1998). Porém, como é possível remodelar esse panorama e fazer com que os conhecimentos produzidos de forma “periférica” sejam considerados válidos mundialmente? É preciso comunicar, dialogar. Ao menos, essa tem sido a lição e o retorno observados nos mais de 50 anos de investigação de forma oficial no território do Brasil com a criação, no dia 13 de dezembro de 1963, do Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM (estado do Pernambuco, Nordeste do Brasil), pelo professor e pesquisador Luiz Beltrão. E valem ainda mencionar os anos seguintes com a criação, pela Universidade de São Paulo, da Escola de Comunicações Culturais (1966) e do

¹ Uma resenha com uma versão reduzida foi publicada na Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação com o título "A Emergência Epistemológica das Ciências da Comunicação no Brasil na obra Pensamento Comunicacional Brasileiro".

² Doutorando em Ciências da Comunicação, Universidade Católica Portuguesa – UCP. Membro da Rede de Pesquisadores em Folkcomunicação - Rede FOLKCOM.

Centro de Pesquisas em Comunicação Social (1967) pela Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero (na época, associada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Diante desse cenário, um nome em particular que se destacou: José Marques de Melo. Com mais de 70 anos de idade, foi o primeiro doutor em Jornalismo no Brasil pela Universidade de São Paulo, em 1973 com a tese de doutoramento intitulada *Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. E, além disso, o seu pioneirismo agraciou-lhe uma missão a qual foi paulatinamente arquitetada em torno do questionamento aqui feito inicialmente.

Uma das frentes de ação de Marques de Melo foi a congregação acadêmica. Isso quer dizer, a criação de redes de investigadores em torno do campo de Comunicação Social. A sua estratégia: reunir os pares mais próximos para pensar e dialogar sobre as pesquisas comunicacionais realizadas no Brasil. Assim, nasceu a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM, cujos congressos acadêmicos nacionais chegam em 2015 a 38ª edição, com seus respectivos encontros nas cinco regiões brasileiras. E, sendo assim, após o processo de “conhecer os vizinhos”, os mais próximos “ao alcance dos olhos” como diria Cascudo (1965), o diálogo estendeu-se para fora do território brasileiro com a criação do LUSOCOM – Congresso da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, hoje, incorporando os investigadores do Brasil, Portugal e dos PALOPs - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Em 2014, ocorreu a XIª edição do congresso da LUSOCOM, na região da Galícia (Espanha), aproximando ainda mais os pesquisadores parceiros espanhóis da Associação Galega de Investigadoras e Investigadores de Comunicação – AGACOM. E vale recordar ainda o Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana, o qual tem como base o “Protocolo de Guadalajara”, firmado em 2007, na Cidade do México, pela Confederação Ibero-americana de Associações Acadêmicas de Comunicação, na oportunidade contando com os investigadores: José Marques de Melo (Brasil), Luís Humberto Marcos (Portugal), Rodrigo Gómez (México), Francisco Sierra (Espanha), Guillermo Mastrini (Argentina), Francisco Martinez (México), César Bolaño (Brasil), Luís Albornoz (Espanha).

Diante desse quadro desafiador, a outra frente de trabalho complementar a primeira de Marques de Melo é o registro da produção das investigações em Comunicação Social. Nesse ponto, o professor já possui mais de 40 obras sobre o campo. A sua última foi lançada em setembro de 2014, no evento da INTERCOM em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná (sul

do Brasil) em parceria com o professor Guilherme Moreira Fernandes. É mais uma prova de seus esforços em colaborar com a construção desse *ethos* epistemológico. Com o título *Pensamento comunicacional brasileiro*, o livro traz uma reflexão sobre esse pensar em diversas fases, tanto que a obra é dividida em três volumes: “História e Sociedade”; “Cultura e Poder” e “Mídia e Consumo”. A divisão ajuda na sua leitura, visto que pode oferecer uma perspectiva mais didática, no sentido de ter a possibilidade de ser utilizada também em sala de aula para a compreensão do surgimento das investigações no campo da Comunicação no Brasil e seus desdobramentos nas décadas seguintes. E a ideia publicada assim pode ser encarada como uma enciclopédia, um retrato do pensamento comunicacional no Brasil, uma contribuição para que outros países possam fazer o mesmo caminho.

A metodologia utilizada para produção da obra pela dupla de editores tinha sido testada anteriormente com o livro de *Metamorfose da Folkcomunicação* (MARQUES DE MELO; FERNANDES, 2013), quando abordaram o panorama dos estudos da interface da comunicação com a cultura popular, resultando em um livro único com 1100 páginas. Foram apresentados vários textos centrais sobre a Folkcomunicação e outros correlacionados, os quais também deram contribuições direta ou indireta. De cada um desses textos, houve a interpretação atualizada e contextualiza por um investigador. Para a obra atual, a estratégia adotada é semelhante. Além das três divisões em volumes, são duas partes centrais em cada volume, as quais vêm com seis textos-bases. Cada texto a ser comentado tem duas frentes de análise: uma bibliográfica, destacando nomeadamente o percurso do autor e a contribuição significativa do texto e outra de aspecto metodológico, contextualizando e atualizando o texto com os desdobramentos contemporâneos da comunicação. Além disso, as partes centrais possuem três textos explicativos, um deles introdutório apresenta o bloco de seis textos-base e seus comentários em sintonia com o nome da seção e outros dois no fim: um visa costurar teoricamente cada parte e o seguinte encerra com uma “reflexão pedagógica”.

O primeiro volume de *“Pensamento Comunicacional Brasileiro”*, **História e Sociedade**, centra-se nos valores morais específicos dos processos de comunicação e tem, na primeira parte, os textos-base de Lévi-Strauss, Câmara Cascudo, Jarbas Maciel, Florestan Fernandes, Barbosa Lima Sobrinho e Virgílio Noya Pinto e apontam a gênese e evolução da comunicação humana. Há ainda, na sessão seguinte, Willems, Maynard Araújo, Paulo Freire, Diégues Júnior,

Antonio Candido e Fernando de Azevedo cujas contribuições auxiliam a refletir sobre o processo social básico na comunicação.

Já o volume seguinte, **Cultura e Poder**, aborda as características e elementos da comunicação, tendo como perspectiva o fenômeno cultural com textos de Egon Schaden, Gilberto Freyre, Rubem Oliven, Alfredo Bosi, Darcy Ribeiro e Vamireh Chacon, e ainda a comunicação como sistema de poder com as ideias de Carlos Guilherme Mota, José Nilo Tavares, René Dreifuss, Ruth Cardoso, Juan Díaz Bordenave e Celso Furtado.

Por fim, **Mídia e consumo**, o terceiro volume reúne textos com o objetivo de refletir sobre a aplicabilidade da comunicação social e sua inserção nas ciências humanas e sociais. A primeira parte apresenta os fluxos comportamentais (consumo, participação e opinião pública) na comunicação com textos de Gabriel Cohn, Arthur Ramos, Cândido Mendes, Samuel Profomm Neto, Ingrid Sarti e Octavio Ianni. A segunda aborda a comunicação nas ciências sociais aplicadas com Octavio Eduardo, Florestan Fernandes, Dante Moreira Leite, Maria Isaura Pereira de Queiróz, Luiz da Costa Lima e Fernando Henrique Cardoso.

É interessante notar que esses autores não são classificados como pesquisadores de comunicação, mas têm uma contribuição de forma direta ou indireta à formação do campo de investigação no Brasil. O que diferencia esta obra de outras enciclopédias é a inserção das exegeses, atualizando e direcionando os textos-base ao campo. Dessa forma, não só resgata o estado da arte do pensamento comunicacional como também oferece uma reflexão dialógica produtiva da gênese e do desenvolvimento da pesquisa em comunicação no Brasil.

Nota-se ainda que a maioria dos autores dos textos-base é nomeadamente do nordeste brasileiro e com apenas três mulheres. Porém Marques de Melo relata na introdução que essa característica geral da obra é um retrato da época e que o fazer diferente seria um “artificialismo inadmissível”. Portanto, a solução encontrada está nos exegetas, cuja maioria é feminina e ainda prevalecendo a região sudeste como, contemplando várias instituições de ensino superior de todas as regiões do país, sendo jovens e experientes investigadores em diversas áreas da comunicação. Ou seja, possibilita vários vieses ampliando a proposta da obra.

Em especial sobre o primeiro volume na primeira sessão, Lévi-Strauss observa comunidades primitivas e o matrimônio com membros externos e suas implicações na vida social de cada uma das comunidades a partir de um diálogo entre clãs distintos. Por sua vez,

Luís da Câmara Cascudo analisa a vizinhança no contexto urbano, no qual os agentes comunicadores valorizam mais os contatos próximos, revelando aspectos de comunicação social nos laços interpessoais dos indivíduos. Seguindo esta perspectiva de meios sociais locais, Jarbas Maciel estrutura os mecanismos de aprendizagem a partir das relações cognitivas e Florestan Fernandes com as relações lúdicas do folclore da cidade de São Paulo. Já Barbosa Lima Sobrinho discute questões de linguística na formação de uma unidade territorial nacional brasileira a partir do uso da Língua Portuguesa e seu teor político e econômico como estratégia da coroa lusitana no século XVIII para manter o monopólio nos portos. Virgílio Noya Pinto explica sobre as “rodovias da informação” tomando como base o significado político, cultural e econômico das “estradas persas”. Na seção seguinte, Emilio Willems decorre sobre os atos de cooperação das comunidades em atos de “mutirão” e associativismo, revelando a existência de uma forte comunicação social a um nível local. Alceu Maynard Araújo analisa a comunicação comunitária focalizando sua atenção em uma cidade do interior do estado de Alagoas (nordeste brasileiro). Paulo Freire, na interpretação dos exegetas, apresenta uma “comunicação libertadora”, na qual a educação é discutida como emancipação do indivíduo. Manuel Diégues Júnior, por sua vez, acrescenta como a comunicação intercultural dá-se com o trânsito de pessoas no contexto da imigração e qual as implicações com os processos de industrialização e urbanização no Brasil. Já a comunicação literária é exposta com texto de Antonio Candido sobre o sentido psicossocial da vingança no folhetim francês. E Fernando de Azevedo, registra a comunicação cidadã e a formação da opinião pública a partir da educação no cenário urbano.

Dessa forma, a obra oferece textos-base de autores de áreas transversais à Comunicação Social, os quais são em sua maioria de origem brasileira e sobre temas do Brasil. Além disso, com as exegeses há a possibilidade de uma costura única no campo comunicacional, traçando um apanhado histórico e intelectual do conhecimento produzido no país. Ou seja, há aí um caráter metalinguístico na obra, quando a Ciência da Comunicação no Brasil pensa sobre si, ajudando a seus pares a se reconhecerem e expõe sua gênese e o conhecimento já produzido, colaborando com uma identidade epistemológica.

Constata-se uma contribuição singular à emergência de um paradigma, como posso citar e recordar as aulas do professor doutor Itamar de Moraes Nobre, na disciplina de Pesquisa em Comunicação, no ano de 2008, ainda da graduação no curso de Comunicação

Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A partir de uma das referências bibliográficas utilizadas, *Discurso sobre as ciências* (SANTOS, 2004), a Comunicação era debatida como paradigma emergente justamente por seu caráter intertransdisciplinar: histórico, biológico, pedagógico, antropológico, etimológico, sociológico, e psicológico (MARQUES DE MELO, 1971). Isto é, justamente por dialogar com outras ciências, produzindo um novo saber mais rico epistemologicamente e contextualizado com a realidade local/ global, cuja diferença é basilar quando comparado ao paradigma hegemônico, o qual se vê como única forma de saber, excluindo os demais, não provendo diálogo e criando abismos epistemológicos como afirma Santos (2004). E, apesar da incansável batalha de Marques de Melo pela criação desse estado da arte nessa obra, resultado de anos de investigação e parcerias acadêmicas com as redes e congressos de sua “batuta”, é preciso sempre avançar mais. E me refiro a isso, sobretudo, a um processo de internacionalização. É preciso construir uma ecologia de saberes (SANTOS, 2002), promovendo também debates com investigadores distintos e em línguas ditas hegemônicas, em um diálogo cujo caminho traçado e os resultados de ambas as partes sejam valorizados de forma horizontal.

Referências Bibliográficas

CASCUDO, Câmara Luís. Carta a Luiz Beltrão sobre o ex-voto. In: **Comunicações & Problemas**.v. 1, n. 2, Recife: ICINFORM, jul., 1965, pp. ,33-135.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

MARQUES DE MELO, José; Fernandes, Guilherme Moreira. (org.) **Metamorfose da folkcomunicação** – Antologia brasileira. São Paulo: EditaE Cultural, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**.2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2002.